

AMAZONA futurista ou palhaço sexual? *Gustavia* é uma personagem ficcional que está algures entre estas duas, a que se soma a distinção e o charme sedutor de uma marquesa do burlesco. As estranhas definições iniciais são dadas, por entre risos, pela coreógrafa espanhola La Ribot, ao telefone. Em *Gustavia* — agora com referência ao título da peça —, La Ribot partilha a autoria e a interpretação com a francesa Mathilde Monnier. Estreada em Julho passado no festival Montpellier Danse, a peça chega a Portugal por via do festival Circular (Auditório Municipal de Vila do Conde, hoje, 22h). A Lisboa (Culturgest) vem apenas em Abril do próximo ano, depois de uma intensa digressão que as vai levar um pouco por toda a Europa.

Ribot e Monnier contam mais de vinte anos de trabalho reconhecido no circuito da dança contemporânea. Individualmente, têm um percurso marcado por identidades artísticas muito distintas, o que faz com que este inesperado encontro das duas em palco, em *Gustavia*, seja recebido como um momento histórico assinalável.

Mathilde Monnier está habituada a criar em colaboração, nomeadamente com artistas de outras áreas, como foi o caso do músico pop Philippe Katerine, em 2008 *Vallée*. Faz parte do seu imaginário trabalhar com movimento reconhecível, mesmo quando desloca o prazer do corpo que dança numa discoteca para palco, aplicando-lhe uma estrutura de composição coreográfica mais elaborada, como foi o caso da celebrada *Publique*, ao som de P.J. Harvey. Esses eram os corpos pop, de Mathilde Monnier. La Ribot é, neste sentido, quase o oposto.

O corpo é a matéria com que La Ribot cria. O seu próprio corpo, a solo, que em peças breves, pouco mais de dez minutos, tem instalado em galerias e museus por todo o mundo, e que são normalmente referidas como telas vivas ou instalações de carne e osso. Em 2002 criou uma peça de palco, *40 Espontâneos*, em que trabalha com 40 pessoas, ditas normais, que escolhe em cada cidade onde apresenta. Passou por Lisboa e pelo Porto. O seu corpo, no enquadramento da convenção teatral, posto em palco, é um lugar estranho e pouco visitado. Mas em *Gustavia*, com Monnier, experimenta essa estranheza de ser intérprete.

Em comum, dizem as duas ao «Expresso» por telefone, partilham o sentido de humor, e a vontade de querer viver um espectáculo onde o riso esteja presente. *Gustavia* nasceu desse desejo, há muito adiado. O universo do burlesco clássico serviu de inspiração, principalmente o do cinema, com referência a nomes como Peter Sellers, Jacques Tati, Buster Keaton ou Charlie Chaplin. Mas agora, tudo se passa ao vivo e este mundo

SE CHARLIE CHAPLIN FOSSE MULHER, SERIA UMA MISTURA DE MATHILDE MONNIER E LA RIBOT. O RISO SEDUTOR PODE SER VISTO EM «GUSTAVIA»

TEXTO DE CLAUDIA GALHÓS

Burlesco sensual

maioritariamente masculino, como explica Mathilde Monnier, ganha um sensual, elegante e peculiar toque feminino. «Acho interessante a ideia de duas mulheres burlescas. De algum modo, a sexualidade, o burlesco, a mulher e o teatro são os grandes quatro temas do espectáculo.»

O que faz das duas quem são reflecte-se na peça. Mulheres do seu tempo, do século XXI, da sua idade — «já não somos jovens bailarinas ou coreógrafas», diz Monnier —, de culturas distintas. Sem perder a elegância, as duas apropriam-se dos clichês do burlesco, brincam com os acidentes, os truques, os erros, as quedas, as repetições, as repetições... «Jogamos com a apropriação dos códigos do burlesco do cinema mas aplicados ao teatro e experimentamos de que modo situações e estraté-

gias, que todos reconhecem, podem ganhar novos sentidos e revelar-se diferentes a cada número», diz Monnier.

No processo de criação, cada uma, à vez, foi intérprete da outra. Enquanto uma improvisava material, a outra olhava, fazia comentários, dava indicações. Depois, trocavam de posição. Agora, o espaço é partilhado pelas duas, como faces distintas de uma mesma mulher: *Gustavia*. Mas o espaço performativo tem uma forte carga plástica, muito determinada por La Ribot: «É tudo preto. E pelo facto de estar marcado pelo negro pode parecer que não existe a dimensão plástica, mas está lá, e remete para o teatro de Tadeusz Kantor, porque esse universo negro fala da morte.»

Nesse sentido, o que começa por suscitar o riso acaba por se transformar em teatro

«Gustavia»
estará
em cena, hoje,
no Auditório
Municipal de
Vila do Conde

MATHILDE MONNIER
(em primeiro plano)
e La Ribot — duas
mulheres burlescas



de crueldade. Os opostos coexistem. Monnier leva com uma tábua [a «plancha» dos números de circo] e cai, e leva novamente e cai, e leva novamente e cai... só que... La Ribot ri-se do outro lado do telefone quando diz: «Ao fim de 35 vezes a levar com o ferro, converte-se em tortura; e todo o espectáculo trabalha nessa transição entre opostos, a passagem do competente ao incompetente, do divertido ao trágico, do trágico ao divertido, do verdadeiro ao falso...»

Tudo isto, dizem elas, não está assim tão distante da dança contemporânea. Monnier explica: «A utilização da repetição é comum às duas. O burlesco cria humor a partir de acções que acontecem repetidamente, a partir de qualquer coisa que não funciona, ou das quedas. Trabalha também o que está fora de campo, que está na periferia e não no centro, personagens que não se exprimem através de palavras, ou que se exprimem mal quando usam a palavra. O personagem é o anti-herói, alguém que é comum a qualquer pessoa. Na dança contemporânea também é assim.»

E se a dimensão feminina está presente, porque são mulheres que dão corpo à peça, há também um questionar sobre a condição do artista, que novamente faz parte da identidade das duas. Logo no início, entram como artistas que vão cantar, o que faz com que o espectador esteja a olhar, no interior narrativo da peça, para duas personagens que são artistas. Mas a questão foi discutida principalmente durante o processo criativo. E, neste reflectir sobre o que é o teatro e o artista hoje, regressa a ideia da morte, segundo Monnier. «Há qualquer coisa de morte do teatro nesta peça. Penso que nos estamos a confrontar com um futuro que é incerto, com muitas mudanças na sociedade, em que a arte desempenha um papel diferente. Julgo que existe uma espécie de nostalgia por um certo teatro. Não dizemos que o vamos enterrar, mas estamos numa época em que muito está a mudar e o espectáculo vai falar disso. Fala das inquietudes e vai jogar também com essas inquietudes.»

Elas surgiram na década de 80. Grande momento das artes vivas, de cuja História fazem parte. Agora, os tempos são diferentes. Qual o papel do artista na sociedade hoje? A resposta é de La Ribot. «O papel do artista dissolve-se nesta sociedade. Tudo o que lhe está em redor vai ganhando mais aura, e o artista vai perdendo aura. E neste espectáculo é como se tivéssemos guardado o 'glamour', a aura e a originalidade de algo que vemos que se perde. Por isso é tudo negro. Mas com humor. Porque não podemos levar a sério os temas sérios. Não podemos levar a vida a sério. Nem a morte.»

MARC COUDRAIS